

Jubileu de ouro

Celebração do Batismo da Primavera chega ao 50º ano. Saiba como começou esse projeto e o que ele ensina sobre a igreja preparar espiritualmente seus juvenis



Vânia Schumann: uma das 50 pessoas batizadas na cerimônia de 1963, na Igreja de Madureira, no Rio de Janeiro. Ela é casada com o presidente da Associação Rio-Fluminense da Igreja Adventista

Fabiana Bertotti

Colaboradora

De manhã cedo ela provou o vestido já separado pela mãe, era um sábado especial. A família sorria e se dirigia para a zona oeste do Rio, em Madureira. Não era setembro, nem primavera era. Vânia tinha só 12 anos e olhava ansiosa para toda a movimentação na igreja, naquele dia 30 de março. O pastor simpático a esperava lá no tanque. Seria a primeira a entrar e ser batizada. Era o Batismo da Primavera.

O simpático e jovem ministro era o pastor Ademar Quint, hoje aposentado e residente em Engenheiro Coelho, no interior de São Paulo. “Não se via com bons olhos batizar os juvenis, mas eu olhava para aquelas pessoas, na primavera da vida, e pensava que não podíamos impedi-los de irem a Jesus”, relembra o ministro.

“Minha família apoiou e eu queria muito ser batizada. Talvez, se tivessem me impedido eu não estaria

aqui hoje, teria tomado outro rumo na vida”, pondera Vânia Schumann, hoje esposa do pastor Gustavo Schumann, presidente da Associação Rio-Fluminense da Igreja Adventista, com sede na Capital.

Idade para o batismo – Há 50 anos, o Batismo da Primavera era apenas um projeto local, da Igreja de Madureira, do pastor Quint. No jubileu de ouro a história é outra. Estima-se que dezenas de milhares de pessoas já foram batizadas nessa data especial do calendário adventista brasileiro.

“Sabemos que nessa fase, o adolescente e o juvenil estão fazendo suas escolhas e, ao proibi-los de serem batizados, damos um recado de que sua vontade religiosa não é importante. E uma revolta pode surgir”, argumenta o pastor Ivay Araújo, líder dos jovens adventistas de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

É claro que batizar alguém em idade juvenil não é garantia de que ele será fiel a Deus para sempre, mas essa garantia não existe para ninguém, nem para os adultos que são batizados em grandes eventos evangelísticos.

“Investir nesse público que ainda está dentro da igreja é um método inteligente de valorização. Pois não adiantaria nada só investir em evangelismo público, atraindo os de fora, sem prestar atenção aos que já estão aqui dentro”, pondera Sara Lima, líder do ministério para as crianças e adolescentes da mesma região.

Tal mãe, tal filho – Na tarde do dia 14, um sábado quente no Rio de Janeiro, o pequeno Daniel Henrique, de dez anos, era a prova de que o preparo espiritual oferecido pela família e a igreja resulta em decisões acertadas, ainda quando se é muito jovem. Claro que ele não concorda com a última afirmação.

“Não acho que sou tão novo. Particpei de uma classe do clube de aventureiros em que me ensinaram sobre o batismo e entendi que aquela era uma manifestação pública do nosso amor e aceitação por Jesus. Então, quis ser batizado também”, argumenta Daniel.

Ao lado dele, a mãe enxuga as lágrimas que prenunciam uma choradeira para dali a alguns minutos. Na data que marca os 50 anos do Batismo da Primavera, ela comemora os 30 anos do seu.

“Fui batizada no vigésimo aniversário, tinha oito anos e queria muito me entregar publicamente a Jesus. Meus pais não queriam deixar, pois me achavam muito novinha, mas bati o pé e mostrei para eles que eu sabia o que significava aquela cerimônia e nunca me arrependi dessa decisão”, relembra Adriana Henrique, hoje professora da rede educacional adventista.

50 anos depois – Emocionada e sentada num banco, uma senhora prestes a completar 59 anos vibra a cada pessoa que se levanta das águas nesse sábado especial. Fotografa, fecha os olhos e os aperta sorrindo e contraindo as marcas de sua face senhoril e alegre. Os olhos azuis pro-

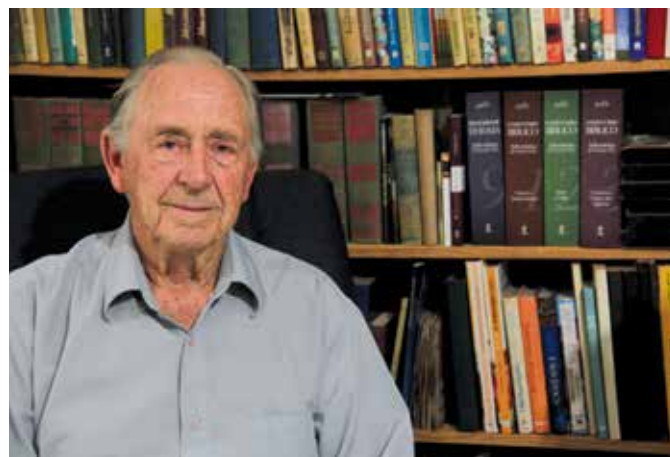
fundos se abrem novamente numa expressão de êxtase e o menear de cabeça revela a satisfação com aquela cerimônia. Ao chegar perto, um livro velho e gasto está em suas mãos, é o livro de batismos da Igreja de Madureira, de 1963.

Hoje secretária da igreja, Nádia Barata fez parte do grupo de juvenis que foi batizado há 50 anos. “No começo, meu pai não queria deixar, me achava muito nova, como a maioria dos pais daquela época. Mas eu queria muito e o pastor Quint argumentou com ele que eu já tinha consciência da minha fé. Era pianista da igreja desde os sete anos”, detalha.

Decisão para toda a vida – No ano em que Nádia e Vânia foram batizadas, outros 48 juvenis também manifestaram a mesma decisão. Entre eles, o pastor Paulo Pinheiro, editor da Casa Publicadora Brasileira, e diversos outros que servem à Igreja Adventista até hoje, como o pastor José Marcos, líder dos adventistas da região central de Minas Gerais. No primeiro ano, o batismo foi realizado em março, no outono. Mas já no ano seguinte, a celebração foi transferida, de fato, para a primavera, em setembro.

“Naquela época, eu preparava os juvenis por um ano, em classes bíblicas regulares. A sede administrativa local da Igreja então gostou do projeto e no ano seguinte o adotou. Logo ele já fazia parte do calendário regional e em pouco tempo todo o Brasil seguia o mesmo roteiro”, enumera o pastor Quint.

Preparo – Em todo o Brasil, milhares de juvenis foram batizados



Pastor Ademar Quint, o idealizador do Batismo da Primavera. Hoje aposentado, ele conta que os pais daquela época desconfiavam se os filhos eram suficientemente maduros para ser batizados



Daniel Henrique, de dez anos, foi batizado na Igreja de Madureira, onde tudo começou há 50 anos. Sua mãe, à esquerda, foi batizada numa primavera, há 30 anos, quando tinha oito de idade

na primavera e muitas outras pessoas que já estão no outono ou no inverno da vida escolheram essa data também para testemunhar da decisão que tomaram ao lado de Deus. Na região oeste do Rio, em Campo Grande, uma grande celebração assinalou a entrega de dezenas de pessoas, 70% delas eram juvenis.

Mas para colher esse resultado, classes de estudo da Bíblia foram organizadas há pelo menos três meses. No Meier, também na zona oeste do Rio, Peter Quinta dos Santos, diretor do Clube de Desbravadores Pioneiro do Rio, juntou o útil ao agradável e montou a classe de estudos bíblicos durante as reuniões da agremiação. “Todo

ano tem a classe, mas resolvemos juntar as duas coisas. Assim, a gente motiva os desbravadores ao batismo e apresenta as atividades do clube para os juvenis que querem ser batizados, mas ainda não são desbravadores”, ensina.

Investir nos pequenos – Em Ribeirão das Neves, MG, a Igreja de Veneza preparou um projeto especial para não deixar setembro passar em brancas nuvens. Batismos foram realizados em todos os sábados de setembro. Mas uma cerimônia foi marcada por um detalhe. Os membros construíram uma réplica do antigo santuário israelita, conforme as medidas relatadas na Bíblia. No sábado, dia 21, quatro juvenis foram batizados no tanque que corresponde à bacia do santuário.

A cerimônia foi uma excelente oportunidade para lembrar aos juvenis e a toda a igreja o signifi-

do de uma das doutrinas distintivas da denominação. José Pereira, pastor do distrito, explica que procura investir logo nos pequenos, os incentivando ao batismo e ao compromisso com Deus. “Tudo começa na base e as crianças e juvenis de nossa igreja são importantes. Investir neles agora é investir na liderança do futuro”, filosofa.

Como um projeto consolidado e maduro, o Batismo da Primavera ensina lições práticas sobre orientação dos juvenis e o preparo que eles precisam receber para essa cerimônia. Lições profundas, mas tão lógicas que até uma criança como o Daniel consegue explicar: “É que no batismo a gente limpa tudo de errado que fez e quando levanta das águas é como se não tivesse mais pecado nenhum, começa do zero, com a ficha limpa, né?” – *Com reportagem de Luzia Moura e Fabiana Lopes.*

TEOLOGIA

Evangelho do fim

Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano reafirma interpretação historicista do Apocalipse



Guatavo Leighton

Simpósio reuniu quatrocentos teólogos, pastores e leigos na Universidade Adventista do Chile. Discussão sobre a base bíblica do método historicista de interpretação foi um dos principais temas. Quase 150 palestras foram apresentadas no evento

Wendel Lima

Enviado especial

A pouco menos de uma hora de carro da Cordilheira dos Andes, na cidade chilena de Antilán, quatrocentos teólogos, estudantes de Teologia, editores, pastores e leigos encararam o frio de zero grau para dedicar cinco dias ao estudo do livro do Apocalipse. E eles foram recompensados por isso.

Chile, de 14 a 18 de agosto, trouxe à tona elementos históricos, temáticos e textuais de um dos livros mais complexos da Bíblia. Sob a perspectiva de que o Apocalipse é o evangelho (boas-novas) para o tempo do fim, acadêmicos da área discorreram sobre assuntos como a identidade dos 144 mil, do anticristo e dos 24 anciãos, sobre a correta interpretação do número 666, entre outros.

Interpretação historicista

– Mas, além desses temas que despertam grande curiosidade popular, as temáticas que mais repercutiram entre os participantes foram as tensões contemporâneas sobre a interpretação do livro. Várias apresentações plenárias enfatizaram a base historicista da visão adventista sobre o Apocalipse, ou seja, a perspectiva de que a profecia se cumpre ao longo da história.

Os teólogos mostraram que o adventismo não pode abrir mão dessa linha de interpretação porque ela é a que apresenta mais consistência bíblica, além de ter sido adotada pelos reformadores, pioneiros do movimento adventista e por abalizar a identidade profética da denominação.

A ratificação formal desse posicionamento dos pesquisadores e da Igreja Adventista veio na forma de um documento de consenso, aprovado pela assembleia de participantes, no fim do evento (o documento está disponível em espanhol em <http://bit.ly/156lqkw>).

Avaliação – O reitor do Salt, Dr. Reinaldo Siqueira, destacou que a realização de simpósios periódicos, bienais como os sul-americanos, é uma peculiaridade da Igreja Adventista nesta região do mundo. Para ele, esses eventos, que iniciaram em 1998, mostram o

desenvolvimento da pesquisa teológica no continente.

Para as próximas edições, os organizadores esperam apresentar duas novidades: um menor número de apresentações para destinar mais tempo aos debates e a publicação em inglês do tradicional livro com as palestras do encontro. Atualmente, o material é editado em português e espanhol. Por sinal, o livro do simpósio de 2011, sobre pneumologia (doutrina do Espírito Santo), deve ser publicado em português até o fim deste ano pela editora Unaspress.

Ellen G. White em 2015

– Realizado a cada dois anos, o simpósio de 2015 será no Unasp, campus Engenheiro Coelho. Em lembrança ao centenário da morte de Ellen G. White, morta em 1915, a próxima edição terá como tema a vida e os ensinamentos da profetisa adventista.



Dr. Siqueira: Simpósios bienais são peculiaridade da América do Sul. Evento mostra o amadurecimento teológico do adventismo na região